



"O QUE É SER INDÍGENA?": UMA EXPERIÊNCIA DE ENSINO SOBRE DIVERSIDADE CULTURAL NO PIBID

Eduarda F. FERRAZ¹; Gabrielle De L. RODRIGUES²; Melissa S. BRESCI³.

RESUMO

Este relato de experiência apresenta a aplicação de uma sequência didática desenvolvida por bolsistas do PIBID com alunos do segundo ano do Ensino Fundamental, abordando a temática dos povos indígenas. A proposta buscou descontruir estereótipos e ampliar o repertório cultural das crianças por meio de reflexões, desenhos, rodas de conversa e análise de imagens. A atividade revelou que os alunos já possuíam noções importantes sobre a diversidade indígena e demonstraram grande interesse e criticidade. A ação reforçou a importância de uma educação intercultural, inclusiva e crítica desde os primeiros anos escolares, contribuindo para a valorização da pluralidade cultural brasileira.

Palavras-chave:

Povos indígenas., Estereótipos., Ensino fundamental.

1. INTRODUÇÃO

Com objetivo de trabalhar nas escolas a valorização da diversidade cultural presente em nosso país e promover uma educação inclusiva , é fundamental educar crianças críticas e conscientes do multiculturalismo presente no Brasil. Neste sentido, trabalhar a temática sobre os povos Indígenas vai muito além de datas isoladas e atividades estereotipadas e folclorizadas.

Nos primeiros anos da vida escolar, a criança já deve ser introduzida à diversidade e riqueza do modo de vida e saberes dos povos originários. Segundo á Base Nacional Comum Curricular (BNCC), “é papel da Educação Infantil proporcionar vivências que valorizem a pluralidade cultural e a história dos diferentes grupos sociais que compõem a sociedade brasileira, incluindo os povos indígenas”.

Neste sentido, este relato de experiência busca apresentar a aplicação de uma aula inicial feita pelas bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID, em uma escola Municipal do Sul de Minas, na sala do segundo ano do Ensino Fundamental I. O tema da Aula proposta na sequência didática foi “ O que sabemos sobre os povos Indígenas?”.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A Fundamentação teórica da sequência didática foi embasada na Constituição Federal de 1988, em que está proposto no Artigo 215 que o Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais, assegurando o acesso às fontes da cultura nacional, bem como a valorização e a

¹ Bolsista PIBID, IFSULDEMINAS – Campus Inconfidentes. E-mail:eduarda.ferraz@alunos.if sulde minas.edu.br

² Bolsista PIBID, IFSULDEMINAS – Campus Inconfidentes. E-mail:gabrielle.rodrigues@alunos.if sulde minas.edu.br

³ Orientador, IFSULDEMINAS – Campus Inconfidentes. E-mail:melissa.bresci@if sulde minas.edu.br

difusão das manifestações culturais, com destaque para as culturas populares, indígenas e afro-brasileiras (BRASIL. Constituição Federal, 1988).

Além disso, temos a lei mais recente de 2008(nº 11.645/2008), “que torna obrigatório o estudo da história e da cultura afro-brasileira e indígena em todas as escolas do ensino fundamental e médio, públicas e privadas. A legislação prevê que esses conteúdos devem abordar a luta dos povos indígenas no Brasil, suas contribuições para a formação da sociedade nacional e estar presentes em todo o currículo escolar, especialmente nas áreas de história, literatura e educação artística.”(BRASIL, 2008).

3. MATERIAL E MÉTODOS

Para trabalhar a temática dos povos indígenas, foi desenvolvida uma sequência didática com aulas alinhadas à proposta curricular, com foco em desconstruir estereótipos e ampliar o repertório sociocultural dos alunos. A primeira aula teve como principal objetivo avaliar os conhecimentos prévios dos estudantes sobre os povos originários, além de iniciar uma reflexão crítica a respeito de estereótipos comuns, como: “todos os indígenas usam penas na cabeça”, “indígenas moram em ocas na floresta” ou “indígenas não trabalham ou estudam”. A partir disso, a aula foi intitulada “O que sabemos sobre os povos indígenas?”, buscando aprofundar, por meio da participação ativa dos alunos, a compreensão sobre a importância histórica e cultural desses povos no Brasil, bem como suas diferentes formas de viver. A atividade foi aplicada a uma turma do segundo ano do Ensino Fundamental, com 18 alunos presentes.

4. RELATO DE EXPERIÊNCIA

No primeiro momento da aplicação da aula foram propostas perguntas norteadoras como: “O que você imagina quando falamos em indígenas?”, “Vocês acham que todos os indígenas vivem da mesma forma?”, “Como eles se vestem?”, “Será que frequentam a escola?” e “E como vocês imaginam que são suas casas?”

Essas questões despertaram o interesse e promoveram reflexões sobre o cotidiano, os estilos de vida e as profissões dos povos indígenas. As respostas evidenciaram um repertório considerável, com falas como: “Os indígenas vivem em ocas”, “As crianças indígenas também estudam nas aldeias” e “Os indígenas cuidam da floresta”. No segundo momento, cada aluno recebeu uma folha sulfite A4 em branco, sendo solicitado que desenhassem o que significava, para eles, “ser indígena”. Nesta etapa, não houve intervenção da professora ou dos bolsistas, justamente para que os desenhos refletissem, de forma autêntica, as percepções das crianças. No terceiro momento, realizou-se uma roda de conversa, em que alguns alunos apresentaram seus desenhos e explicaram suas

representações. Foi um momento muito rico, com interpretações diversas: alguns desenharam casas de alvenaria e figuras em ambientes urbanos, dizendo que os indígenas também vivem nas cidades; outros retrataram florestas e animais, relacionando os indígenas ao cuidado com a natureza.

Para concluir a atividade, no quarto momento, foi apresentado um cartaz com fotos de indígenas atuando em diferentes profissões — como médica, estilista, governadora e cantor — e morando em locais diversos, como aldeias, casas de alvenaria e apartamentos. A reação dos alunos foi de surpresa e admiração, e observamos com satisfação que não houve manifestações baseadas em estereótipos. Pelo contrário, as crianças demonstraram compreensão sobre a diversidade cultural dos povos indígenas.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao final da atividade, foi possível refletir sobre a relevância da proposta. Nós, bolsistas, ficamos extremamente satisfeitas com o engajamento e a maturidade das respostas e desenhos. Acreditamos que as falas poderiam ser mais carregadas de estereótipos, mas fomos positivamente surpreendidas com o repertório já existente entre os alunos, o que demonstra que eles comprehendem que os indígenas ocupam diferentes espaços na sociedade e vivem de maneiras diversas.

Como resultado, acreditamos que cada aula deixou uma “sementinha” plantada em cada estudante, sementes essas de curiosidade, reflexão e criticidade. Esperamos que esses alunos continuem se questionando sobre o mundo à sua volta e se tornem sujeitos críticos, conforme nos inspira Paulo Freire.

Além disso, a experiência evidenciou a importância de práticas pedagógicas que valorizem o protagonismo infantil, promovam o diálogo e incentivem a escuta ativa. Percebemos que, quando oferecemos às crianças a oportunidade de expressarem seus pensamentos e percepções livremente, elas revelam compreensões muito mais amplas do que se imagina. A atividade também reforçou o quanto é essencial trabalhar a diversidade cultural desde os primeiros anos escolares, contribuindo para a formação de uma consciência social mais justa, empática e inclusiva.

Essa experiência nos mostrou, enquanto futuras educadoras, o poder transformador da educação quando pautada no respeito às diferenças, no reconhecimento das múltiplas identidades e no estímulo à reflexão crítica desde a infância. Sem dúvidas, esse momento será levado como aprendizado significativo para a nossa formação docente.

6. CONCLUSÃO

A vivência no PIBID e a aplicação de atividades voltadas à valorização da diversidade cultural brasileira proporcionaram experiências enriquecedoras, tanto no aspecto profissional quanto pessoal. Tornamo-nos protagonistas da mediação do conhecimento intercultural, aprendendo a estruturar melhor as atividades, a gerir a turma e a compreender o impacto de uma educação crítica e inclusiva.

Reconhecer e respeitar a diversidade cultural é essencial para a formação de cidadãos conscientes. O Brasil é composto por uma rica mistura de povos originários e povos africanos, e entender essa constituição é um passo fundamental para desconstruir preconceitos e estereótipos ainda presentes em nossa sociedade.

A atividade “O que é ser indígena?” superou nossas expectativas, pois revelou alunos curiosos, sensíveis e críticos. Como Paulo Freire afirmou, “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”; e por meio desse projeto, foi possível apresentar às crianças um mundo mais amplo, diverso e real, muito além do que é comumente retratado no imaginário popular.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BRASIL. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. *Diário Oficial da União: seção 1*, Brasília, DF, ano 145, n. 48, p. 1, 11 mar. 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, DF: MEC, 2017. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 15 jul. 2025.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 60. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.